
Pré-texto a um escrito*

SÉRGIO LAIA**

Resumo

A partir de dois itens - "investigação e confecção" -, pretende-se desenvolver as etapas necessárias à redação de um texto, visando orientar o trabalho daqueles que se dedicam a pesquisar e escrever sobre um determinado assunto.

Palavras-chave: redação; texto; pesquisa; metodologia; transmissão.

Abstract

Departing from two items - "investigation and making" we intend to cover the phases required for writing a text, with views to orientating the work of those who are dedicated to researching and writing about a given subject.

Keywords: writing; text; research; methodology; transmission.

Résumé

À partir de deux items - "recherche et confection" - on souhaite développer les étapes nécessaires à la rédaction d'un texte, et cela afin d'orienter le travail de tous ceux qui font des recherches et qui écrivent sur un sujet quelconque.

Mots-clés: rédaction; texte; recherche; méthodologie; transmission.

* Este texto foi composto especialmente para a primeira aula sobre "Investigação e pesquisa em psicanálise", que compõe o programa de "Metodologia científica e orientação de monografias" do *Curso de Formação* promovido pelo *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais* (IPSM-MG). Assim, ele não tem, rigorosamente, a estrutura de um artigo: são notas que visam orientar o processo de escrita sobre um determinado assunto. Em seguida à aula do IPSM-MG, este texto foi publicado, numa circulação mais localizada, em um boletim daquela instituição intitulado *Curinga*. Considerando a importância da produção de texto no âmbito da prática universitária e, em particular, na Pedagogia, retomei minhas notas iniciais e, modificando-as, dei-lhes a forma em que elas são aqui apresentadas.

** Professor titular IV do Centro Universitário FUMEC; psicanalista, membro da Associação Mundial de Psicanálise e da Escola Brasileira de Psicanálise; mestre em Filosofia e doutor em Letras, pela UFMG. Autor de *Os escritos fora de si: Joyce, Lacan e a loucura*, publicado pela Autêntica-FCH/FUMEC

I A investigação

1.1. *Norteamento*: além de um tema, é decisivo localizar uma questão que orientará um escrito.

1.2. *Levantamento do material bibliográfico*: é importante estabelecer uma certa orientação para esse levantamento. Não há qualquer problema em escolher textos que defendam posições incompatíveis entre si ou mesmo quanto a pesquisa. O importante é saber disso e, mais ainda, deixar esse confronto claro na confecção do escrito.

1.3. *Fichamento*: deve ser norteado pela questão que mobiliza o trabalho. Nesse sentido, é diferente de um resumo puro e simples: não se trata, pura e simplesmente, de sintetizar, da primeira à última palavra, os textos consultados. Trata-se do que eu costumo chamar de "resumo orientado", "leitura comentada":

- a) localização dos pontos e argumentos relativos - por ressonância ou oposição - à questão escolhida para ser investigada;
- b) síntese desses pontos e desses argumentos;
- c) escolha das citações que podem vir a aparecer literalmente no texto final. O critério para essa escolha não é, necessariamente, "o mais belo" ou "tudo que é importante" no texto. Trata-se, sobretudo, daquilo que um autor escreveu e sobre o qual é difícil sermos tão geniais, tão claros ou mesmo, no caso de uma contraposição crítica, tão reducionistas na exposição de uma certa idéia relativa ao desdobramento da questão previamente escolhida.

1.4. Uma interessante prática que, a meu ver, pode até corporificar os primeiros passos na confecção do texto é o que eu chamo de "leitura comentada". Minha referência é a prática, bastante efetiva no Campo Freudiano, da "disciplina do comentário". No caso da "leitura comentada", é fundamental se pautar nas citações previamente escolhidas e desdobrá-las, ou seja, evidenciar o que está em jogo nelas.

2 A confecção

2.1. Texto é tecido, ou seja: trama, urdidura, amarração. Daí minha escolha pelo termo "confecção". Não basta resumir uma série de idéias. Não basta listar argumentos. Tampouco - o que é ainda mais terrível - encadear citações uma após outra, sem qualquer mediação. Mesmo que tudo isso se articule ao tema que se pretende investigar, é imprescindível que essa articulação se evidencie como a forma mesma do texto, ou seja, que ela não permaneça apenas como uma suposição daquele que escreve. Em outros termos: a suposição de uma articulação de saber, tal como nos ensina a própria clínica psicanalítica, precisa se corporificar, se efetivar subjetivamente, para que ela possa ter incidências, para que um texto se estruture a partir de uma autoria. Nesse viés, não se deve perder a dimensão de que um escrito é para ser transmitido, mesmo quando, conforme preconizou Lacan, não é para ser lido. Assim, a ilegibilidade de um escrito, em psicanálise, não é para ser confundida com a intransmissibilidade: ele não é para ser lido na medida em que a leitura não é um processo finito, uma operação que acabaria com o "ponto final" — ler é ir e voltar a um texto, descobrir-lhe outros caminhos não percebidos por ocasião de leituras anteriores, e a ilegibilidade, portanto, é uma conquista realizada, por um autor, ao longo de todo um exercício de escrita. Logo, a intransmissibilidade é "privilégio" do que é mal escrito, mal tramado, mal amarrado, mal escrito, mal urdido, mal exercitado escrituralmente.

2.2. Escrever é diferente de falar. Aquele que escreve deve, ao compor o próprio texto, estar advertido de que uma possibilidade de retorno se inscreva no ritmo do próprio escrito: deve-se, portanto, promover o "ponto de estofo", zelar pelo "só-depois", pela ressignificação de um texto a partir do seu final. Ora, é essa promoção, esse zelo, esse "estar advertido" que, a meu ver, nem

sempre um falante se ocupa em sustentar. Afinal, na função da fala, sempre se pode contar, inclusive de um modo imediato, com alguém que pergunta e com alguém que pode ser convocado a dizer o que foi dito — a amarração, o retorno ao que se disse, pode se fazer ao longo da conversação. Por outro lado, na escrita, o leitor nem sempre contará, com relação a suas dúvidas relativas à articulação de um texto, com a presença daquele que escreveu. Essa presença do autor deve, então, se impor na trama mesma do texto. Por outro lado, tal imposição não garante o autor como autoridade máxima do que foi escrito: trata-se apenas de uma singular marca de que algo foi escrito, ou seja, foi composto, foi tramado e, portanto, assinado por Fulano, e não por Beltrano.

2.3. As fontes bibliográficas escolhidas para se compor um texto podem ser agrupadas tematicamente. Por exemplo: fontes que definem um determinado conceito; fontes que se contrapõem entre si ou que se contrapõem ao desdobramento da questão que vai ser investigada; fontes que esclarecem e/ou fundamentam a questão que mobiliza a investigação; fontes que apresentam pontos de vistas diferenciados (não necessariamente opostos).

2.4. A introdução: apresenta um panorama do que vai ser desdobrado ao longo do texto. É importante que o panorama desperte a atenção do leitor, mas que não apresente, de uma única vez, tudo o que estará em jogo no texto. Trata-se de trabalhar, desprezar a dimensão do suspense. É algo da ordem do que Lacan chamou de "um instante de ver" (Lacan, 1966, p. 197- 213) - o olhar do autor se destaca, o olhar do leitor é convocado: "alguma coisa é vista".

2.5. O desenvolvimento poderá se servir largamente do "resumo orientado" e da "leitura comentada". A diferença: o que antes foi situado de um modo estanque deverá ser recomposto, ritmo de um fluxo orientado pela questão que norteia o texto. É nesse fluxo que se corporifica a amarração textual em que a marca de um autor se deixa imprimir. Trata-se de algo assimilável ao lacaniano "tempo para compreender" (LACAN, 1966, p. 197- 213) - o enigma

(articulado como a própria questão do texto) é formalizado e desdobrado, hipóteses são levantadas, considerações são feitas, na tentativa de se esclarecer o que foi visto. A tensão do suspense não se esgota, nem se enfraquece. Ao contrário, ela deve se corporificar como causa da investigação e da leitura.

2.6. A *conclusão* é o resgate do que foi visto e tematizado, mas de um modo conciso, formalizado. Podemos fazê-la equivalente ao que, em Lacan, foi nomeado como "momento de concluir". Trata-se de uma amarração dos três vieses que compõem um texto, ou seja, da introdução, do desenvolvimento e da própria conclusão. A redução, o corte, aqui, é imprescindível. Afinal, também em um escrito, me parece decisiva a operação que Lacan destacou nos seguintes termos: "reduzir o momento de concluir o tempo para compreender para que ele dure tão pouco quanto o instante do olhar" (LACAN, 1966, p. 197-213.). A conclusão poderá, também, no caso de um escrito, apontar para outras questões, outros temas, outros enigmas a serem investigados em outros textos. É importante que ela não perca de vista a dimensão do suspense, que, neste momento de um escrito, poderá se manifestar sob a forma da surpresa: cinge-se que foi visto, o objeto - o próprio texto se destaca e cai, um autor e seus leitores são liberados para novas aventuras no mundo da escrita.

Referência

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

